

### **Por Dirce Waltrick do Amarante\***

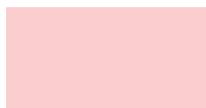
“A galinha e outros bichos inteligentes” é o primeiro livro infantojuvenil do poeta e tradutor Ronald Polito, que faz dobradinha com o artista plástico Guto Lacaz, responsável pelas ilustrações minimalistas da edição. Polito usa a fórmula clássica das fábulas para desbravar em versos esse novo caminho, mas de forma leve e humorada, sem se preocupar com lições de moral.

Segundo Gilbert Keith Chesterton, as fábulas repousam sobre a ideia de que “todas as coisas são elas próprias, e em todo caso irão falar por si próprias. O lobo será sempre egoísta, a raposa será sempre avarenta”. Se nas fábulas de Polito alguns animais são exatamente o que são — o que dizer da lesma, que, como se espera de toda lesma, “é sempre a mesma,/ deslizando majestática e alheia”? —, outros, contudo, sentem-se insatisfeitos na própria pele, esse é o caso da minhoca: “Era uma vez uma minhoca/ que queria ser uma foca,/ sair do meio da terra/ e ir para o gelo polar,/ deixar amigos e emprego,/ num iceberg flunar”. A minhoca rumo para o Polo Norte e “Hoje vive numa geleira/ entre morsas e leões-marinhos/ com as focas fala besteiras,/ brinca em círculos com golfinhos”. Há ainda aqueles bichos, como a galinha, que se sentem de outra natureza, embora a natureza delas mesmas prevaleça: “Distraída em seu poleiro,/ pensando que é uma andorinha,/ ela não faz mesmo ideia/ do que seja uma galinha” nem tem consciência de que vai ser assada. Já o gato, apesar de ter hábitos diferentes dos felinos, não passava de um gato: “Apesar de tudo, um gato,/ mesmo que dançando na chuva,/ um gato como não se via/ e não se vê, mas é fato”.

### **Verdades atuais**

Nessas fábulas contemporâneas, há também animais em crise de identidade como o mosquito de Quito, que se incomodava em ser chamado assim, uma vez que seu nome era Machado. Já Olga era uma pulga revoltada, que queria ser chamada de Ulga, embora seu verdadeiro nome fosse Polga.

Lembra Chesterton que, nas fábulas, “mediante o uso de animais neste estilo austero e arbitrário [...], os homens têm de fato conseguido êxito em transmitir aquelas verdades extraordinárias que são chamadas de truísmos”. Nesse sentido, as fábulas de Polito revelariam, a meu ver, algumas verdades bem atuais como a crise de identidade e a insatisfação pessoal.



Em “A galinha e outros bichos inteligentes” o leitor se depara ainda com animais em constante metamorfose: a lagarta, enquanto lagarta, se chama Marta; como crisálida, chama-se Álida; e só passa a se chamar Julieta depois que vira borboleta.

Ronald Polito lança mão de uma poesia imagética, que “ilude os olhos e quebra a banalidade repetitiva da existência”, como afirma Davi Arrigucci Jr. num outro contexto, e, portanto, agiria como um mágico ou feiticeiro que, segundo o crítico, “é o modificador por excelência [...],

senhor do poder de metamorfosear o mundo”. O que pretende o mágico, assim como Polito, é criar o espanto ou o assombro instaurando um universo em que tudo pode acontecer, até as coisas mais inusitadas, como um camaleão se transformar em “uma pantera, um urso, um gavião [...]”.

Há também no referido livro fábulas em forma de haikus: “No lago o cisne então/ é uma interrogação”. Em “Centopeia” lê-se: “O trem espacial parte/ na superfície de Marte”. Aqui, a mágica está em deter o momento, cristalizado, não permitindo que a imagem se multiplique.

A propósito de haikus, as ilustrações de Guto Lacaz — cuja obra integrou a exposição de ilustradores brasileiros na Feira de Bolonha, na semana passada — muitas vezes se assemelham a kanjis (ideogramas), transmitindo um conceito e sendo ele próprio uma palavra. O que reforçaria a intimidade entre imagem e palavra que, aliás, está implícita no verbo grego graphein, que significa tanto “escrever” como “pintar”.

Nesse livro de Polito e Lacaz, conforme se sabe desde os gregos, “a pintura é poesia muda e a poesia é pintura com as palavras”. Parece-me que uma nova geração de escritores para crianças surge com audácia e refinamento estético. Resta esperar por mais.

**\*Dirce Waltrick do Amarante é autora de “As antenas do caracol: notas sobre literatura infantojuvenil” e “Pequena biblioteca para crianças”**